

A TESTEMUNHA E A VÍTIMA

Uma leitura hermenêutica do Capítulo V da obra “*Memórias de Auschwitz*” de Reyes Mate

(The Witness and the Victim: a hermeneutic reading of Chapter V of the work "Memories of Auschwitz" Reyes Mate)

Wagner Guedes*

RESUMO

Na perspectiva de que nosso presente está construído sobre muitas injustiças, a pesquisa busca por meio de uma releitura da obra “*Memórias de Auschwitz*”: *atualidade moral e política*, de Reyes Mate, resgatar questões ligadas diretamente aos relatos dos sobreviventes, feitos a partir de um roteiro previamente estabelecido, cuja natureza, intenção e resultados são induzidos a questionamentos e reflexões. No limiar do trabalho há também um levante sobre a luz da ética e moral dentro das considerações a respeito das características intrínsecas ao *testemunho*, e a de seu proferidor fundamentado nos testemunhos dos sobreviventes, não só pela veracidade da narrativa, mas principalmente sob a ótica e perspectiva sobre o quanto vale a sobrevivência, em razão da ideia de o que está em jogo é a humanidade.

Palavras-Chaves: Testemunho. *Vítima*. Auschwitz. Humanidade. Memória.

ABSTRACT

From the perspective that our present is built on many injustices, the research seeks through are reading of the book “*Memoirs of Auschwitz*”: current moral and political Reyes Mate, rescue issues directly to the accounts of survivors, made from a previously established routine, the nature, purpose and results are induced to questions and reflections. On the threshold of the work there is also a lift on the light of ethical and moral considerations within about the intrinsic characteristics of the witness, and his proofreader, based on the testimonies of survivors, not only the veracity of the narrative, but mainly in the optical and perspective on how it's survival, because the idea of what is at stake is humanity.

Keywords: Witness. Victim. Auschwitz. Humanity. Memory.

INTRODUÇÃO

Originária do latim *testimonium* a palavra testemunha remete ao significado de pessoa chamada a depor sobre aquilo que viu ou ouviu. Já o termo *vítima* igualmente provinda do latim: *victima* tem em sua composição etimológica, o homem ou animal imolado em holocausto aos deuses, pessoa arbitrariamente condenada à morte, pessoa que morre em uma guerra, ou é torturada. Assim, ao ancorarmos nesses conceitos, não podemos negar o sentimento de que pode, ou deve haver na humanidade, uma necessidade de além de delinear limites, buscar uma reflexão sobre o que entendemos de fato por testemunha e vítima, pressupondo, que por vezes, o relato do homem e do mundo atual, parte do testemunho. *Se Auschwitz é o espírito da narração, importa saber o que entendemos por testemunha [...]* (REYES, 2005, p. 233).

1. A TESTEMUNHA E A VÍTIMA

Reyes Mate¹ é conhecido no meio acadêmico e literário por sua ampla dedicação à investigação da dimensão política da história, razão, religião e Auschwitz, mote apropriado para fundamentação da questão. A obra de sua autoria *Memórias de*

Auschwitz: atualidade moral e política, não se resumem apenas em um livro de história, mas em uma reflexão moral e política sobre a manifestação da barbárie humana na construção da humanidade. Assim, o pensador espanhol expõe que:

A testemunha vê o mundo com o olhar da vítima. É um olhar invertido, assim como era o olhar dos judeus condenados na Idade Média que foram pendurados de cabeça para baixo. Trata-se de ver a realidade como essas vítimas puderam ver a superfície da terra nas infinitas horas da agonia (REYES, 2005, p. 233 apud ADORNO, GS 10, p. 284).

O holocausto judeu, perpetuado com o estigma de maior exemplo da barbárie humana imposto pelos nazistas, não foi obra de um louco, mas sim *o final de um processo que compromete o melhor da civilização ocidental*.

Para os nascidos depois de Auschwitz, ilumina com luz própria nosso presente e dá o que pensar: tarefa da memória, a nova categoria central da reflexão filosófica. recordar, pois, não é tanto comemorar um fato que ocorreu há meio século, mas reconhecer que o nosso presente está construído sobre cadáveres e escombros, sobre os vencidos da história. A memória é a advogada dessa dimensão oculta da realidade, essa faculdade humana que como no filme *Shoah* diz-nos diante de um bosque maravilhoso: "Era aqui", aqui estava instalada a câmara de gás e mesmo que não haja mais rastro dela, forma parte dessa passagem.²

O horror causado aos judeus pelo homem, aos homossexuais, ou ainda aos ciganos nos campos de extermínio foi algo sem precedentes e inimaginado, algo até então, jamais testemunhado na civilização moderna. *No campo, não ocorria apenas a eliminação física dos internos, antes que isto ocorresse eles eram privados de sua identidade jurídica, perdendo a sua nacionalidade e ficando totalmente fora-da-lei e desprotegidos* (ARENDDT, 1989, p. 498).

Memórias de Auschwitz: atualidade moral e política parecem determinar um repensar político, de moralidade e de representação do horror a partir do olhar da vítima. Tal ideia manifesta-se de forma mais contundente no Capítulo V, onde há uma exposição hermenêutica apoiada em pensadores como Adorno, Benjamin, Marcuse e Agamben.

A obra parece buscar a atenção do leitor para as diversas questões que envolvem a perspectiva da condição humana. Com isso, atribui o que Adorno chama de imperativo categórico: *Orientar o pensamento e a ação de modo que Auschwitz não se repita*. Para Reyes, há que se discutir ainda a filosofia depois de Auschwitz tratando-a como um símbolo e referência política, não obstante, deve ser requerida a presença da memória dos vencidos, dada a sua natural importância. Benjamin expressa: *Como ruína, a história se fundiu sensorialmente com o cenário. Sob essa forma, a história não constitui um processo de vida eterna, mas de inevitável declínio* (BENJAMIN, 1984, p. 200).

Auschwitz em seu conjunto tornou-se um marco da barbárie humana, da permissividade e da capacidade do homem ser jogado ao limite da ignorância e perversidade. Nas palavras de Reyes, *deixa de ser um relato isolado para se converter em metáfora da violência inscrita da Modernidade* (REYES, 2005, p. 234). Para Benjamin, há uma ligação entre o ontem e o hoje: *existe um encontro secreto, marcado entre gerações precedentes e a nossa* (BENJAMIN, 1985, p.223). Essa mesma ideia é retomada

adiante: *A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras* (ibidem, p. 229).

2. CONTRA A FRIEZA BURGUESA

Um dos fatores pelo qual a representatividade do holocausto é dimensionada, sem dúvida foi o fato de que pela primeira vez um Estado não só permite, mas torna-se parte da utilização de seu aparato tecnológico para o extermínio de todo um grupo humano. Basta ressaltar ainda, que essa atitude apresenta como agravante, a integração da sociedade industrial e científica. *Nesse caso, a memória ou a visão dos vencidos é o único olhar capaz de descobrir atrás das aparências da natureza, a história real e, portanto, a responsabilidade histórica* (ibidem).

O filósofo germânico recorre à *figura barroca do alegorista*³ para explicar como se leva com sabedoria esse descobrimento, fato é que no entendimento de Benjamin, para o alegorista a história se apresenta de partida, como um enigma, uma vez que este remete o olhar nos aspectos fracassados da história, que por sua vez assumem uma forma natural.⁴

Reyes afirma que o olhar compassivo do alegorista, pelo contrário, descobre sob a frieza dos mortos seus legítimos desejos de felicidade. Descobre-os, acolhe-os e discute a atualidade de suas demandas. A vigência histórica da visão dos vencidos é *sua memória, quer dizer, o nosso recordar que deles temos. Ainda enfatiza que *A memória não salva o homem, pois não responde; só salva a pergunta, tornando-a atual, resgatando-a da indiferença natural [...]** (REYES, 2005, p. 235).

Nesse sentido, a memória tornar-se não só um instrumento de resgate de atrocidades e de horrores de quem foi vítima, mas também um dispositivo indutor reflexivo de alerta para evitar males semelhantes. O testemunho é o exemplo máximo da vitória da vontade contra as forças do esquecimento. Nessa perspectiva, as lembranças mesmo que traumáticas podem exercer um mecanismo que vai além da incredibilidade e da injustiça, pois se torna uma ferramenta de resgate do que não deve sob quaisquer hipóteses ser exercido ao homem ou pelo homem. *Sem o nosso recordar as ruínas da história, isto é, os fracassados e as vítimas, seria um fóssil natural* (REYES, 2005, p. 236).

O filósofo espanhol explana que no desaparecer a memória da razão, o que existe tem aval da natureza. As desigualdades sociais, frutos da liberdade e da razão do homem, apresentadas como pura facticidade, como um fato natural que não postula nem exige responsabilidades. O caráter de *presente* da razão moderna desacredita toda a intervenção da memória, com o qual não existe maneira de estabelecer uma cadeia de responsabilidades no passado que chega até nós (REYES, 2005, p. 234). A memória adquire então, essa função de supra importância, considerada *muito modesta* em qualquer caso, uma vez que *pode atualizar a pergunta sem que esteja em sua mão a resposta* (REYES, 2005, p. 236).

São dois olhares, pois sobre a mesma história: o do homem moderno que endossa o sofrimento humano, custo do progresso, ao capítulo da fatalidade natural e do anjo da história ou do alegorista que vê nele uma responsabilidade do homem. Pensamento mítico no primeiro caso, e histórico

no segundo. A visão dos vencedores se prolonga naqueles sistemas ou interpretações que consideram Auschwitz um mero acidente da história que deve, certamente, ser corrigido para que a história siga seu caminho (ibidem).

O liberalismo surge então, como a explicação do grande consenso na interpretação do fascismo como um capítulo do totalitarismo. Assim, entende-se que a estratégia liberal contra o totalitarismo se dá na medida da recordação que na história das ideias. Com essa premissa entende-se que tanto liberalismo quanto totalitarismo eles se mostram como antagonísticos.

Pertinente o autor cita:

Um lugar clássico deste inimigo é a introdução na segunda edição alemã do O conceito de política (1975), de Carl Schmitt. Para as concepções totalitárias do Estado, liberalismo são “as ideias de 1789”. E aí inserem tudo o que odeiam: humanismo, pacifismo, intelectualismo ocidental, individualismo, igualitarismo, laicismo ou sistema de partidos. Hoje sabemos que as ideias de 1789 nem sempre foram bandeira do liberalismo; às vezes eram, inclusive, o contrário (ibidem).

Vale também citar Marcuse, ao aceitar a hipótese de que se a constante do liberalismo, em suas diferentes formas e surgimentos *é a liberdade do sujeito econômico individual para dispor da propriedade privada e a garantia jurídico-estatal dessa liberdade* (MARCUSE, 1968, p. 19). Certo é que há escondida uma *frieza burguesa*, principalmente ao pressupor que uma vez que Auschwitz é postulado como uma problemática geradora de sofrimento e morte há uma dificuldade em satisfazer a resposta da democracia liberal no que diz respeito ao ato da sua força. *A experiência do sofrimento e da morte tem o segredo da resposta, quer dizer, o segredo está no campo.* (REYES, 2005, p. 238).

3. O MUÇULMANO, TESTEMUNHO INTEGRAL

Podemos afirmar que o testemunho do integrante de um campo de concentração traz-nos uma experiência inigualável da humanidade. Giorgio Agamben através de sua obra *O que fica de Auschwitz* (2000), assume essa perspectiva dando jus ao subtítulo *O arquivo e a testemunha*. O livro levanta de imediato a questão de *Como narrar o inenarrável ou testemunhar sobre algo que está além da compreensão humana?*

A obra busca, por meio de uma profunda análise, o papel do testemunho como documento histórico e de seus limites enquanto relato pessoal, com isso há também uma pretensão no entendimento das dimensões da produção escrita pelos sobreviventes do holocausto nazista. Não obstante, podemos tratá-la como uma obra que atende as diversas circunstâncias materiais relacionadas à Auschwitz. O livro denota um processo investigatório sobre as dificuldades do testemunho no momento em que este envolve a perda de referenciais básicos, marcados por um ambiente inóspito e com total ausência de normas, onde o esforço pela identificação *de algo parecido com uma lógica de funcionamento* poderia significar a morte ou se mostrar em vão.

O relato do escritor Primo Levi,⁵ sobrevivente de Auschwitz, é mote para a análise de Agamben. Levi não só se coloca na condição de testemunha, como trata sua sobrevivência como necessidade de contar essa história. Contudo, os denominados

Muçulmanos,⁶ prisioneiros que foram reduzidos a cadáveres ambulantes e que perderam sua condição de homens, uma vez que não estivessem cerceados ou privados da linguagem seriam os únicos que poderiam dar o verdadeiro testemunho do horror vivido.

Na visão do filósofo italiano, *O Muçulmano era o cadáver ambulante, um feixe de funções físicas nos seus últimos sobressaltos*,⁷ enfim pode-se até mesmo cogitar que existe um paradoxo, transformando esse sujeito numa mera existência, uma *vida nua*, um morto-vivo, um homem-múmia, o homem-concha. Encurvado sobre si mesmo, esse ser bestificado e sem vontade tinha o olhar opaco, a expressão indiferente, a pele cinza pálida, fina e dura como papel descascado, a respiração lenta, a fala muito baixa, feita a um grande custo [...]. O *muçulmano* era o detido que havia desistido indiferente a tudo que o rodeava, exausto demais para compreender aquilo que o esperava em breve, a morte. Essa vida não humana já estava excessivamente esvaziada para que pudesse sequer sofrer.⁸

O autor de *Homo Sacer* dita que o valor do testemunho está essencialmente no que lhe resta, no que não pode ser dito por homens que já não o são: *Auschwitz marca o fim e a ruína de qualquer ética da dignidade e da adequação a uma norma. A vida nua, a que o homem foi reduzido.*

A obra de Giorgio Agamben remete-nos a ideia de recuperação dos conceitos presentes em obras anteriores de sua autoria, como Estado de Exceção e *Homo Sacer. O que fica de Auschwitz – Arquivo e testemunha* apresenta Auschwitz como o espaço experimental em que se fundem as fronteiras entre o humano e o inumano, a vida e a morte. A precisão com que é exposto esse ambiente coloca-nos à prova da reflexão de nosso tempo, mostrando sua insuficiência *por deixar aparecer, entre suas ruínas, o perfil incerto de uma nova ética. Nesse caso, o muçumano viria a representar uma cesura com o paradigma da linguagem enquanto constitutivo, ao mesmo tempo que apresenta uma forma de vida tão banal, tão simples, que é justamente o resto do que um dia foi um ser humano.*⁹

4. A NECESSIDADE DO TESTEMUNHO

Para Agamben, a figura da testemunha¹⁰ é dotada de privilégios, uma vez que *o testemunho não pode garantir a realidade factual do enunciado* (2000, p. 165). Mas no caso de Auschwitz, que honra, ou moral pode haver em sobreviver à narrativa do extermínio de seus semelhantes? Essa questão pode remeter-nos a posição de REYES (2005, p. 243), onde coloca como dúvida a afirmação de Agamben em relação ao deportado. Ele pode é claro converter-se em testemunha em meio a dissabores, crueldades e ser vítima delas: *Conhecemos muitos casos nos quais esse objetivo testemunhal permitiu encaixar torturas e sofrimentos, indispensáveis em outras circunstâncias nas quais as vítimas somente eram pensadas em relação a si mesmas* (ibidem). Por outro lado, Reyes ao analisar a expressão de Agamben ao afirmar que *Em um campo, uma das razões que podem impulsionar a um deportado a sobreviver é converter-se em testemunha* (AGAMBEN, 2000, p. 13), remete-nos à ideia de que há uma ambiguidade, ou seja, dois sentidos na expressão, uma vez que pode dizer querer que o deportado esteja disposto a suportar tudo que seja como tal para dar testemunho como nunca visto.

Há obviamente, casos em que com o objetivo de *ser testemunha* suportou-se torturas e sofrimentos quase que indescritíveis. Tanto quanto, com essa afirmação, pode-se pensar em outra hipótese, a da vontade de sobreviver *a qualquer custo*, que de certa forma aproxima-se do conceito sartriano da *má-fé*, ou seja, podendo até ter servido aos nazistas e exterminadores em troca da sobrevivência. Mate Reyes classifica tal atitude como *contaminação do testemunho* dado ao ato humano do *instinto de conservação*, ante a figura do prisioneiro que não luta para sobreviver.

Decerto, Agamben vai além da investigação do *testemunho e do arquivo*, ao tratar também da questão da moral. O filósofo vai tentar estabelecer a figura do *Muçulmano*, do sujeito que perdia completamente a cabeça no campo-de-concentração, e com isso já não mais conseguia se relacionar, ou relacionar-se com nada exterior a ele mesmo, enquanto, simultaneamente, sua existência se restringia como uma espécie moribunda de ser, que sem rumo fica entre o limite e o limiar da linguagem. Tal afirmação tende a justamente de expor essa incapacidade de expressão. Nesse caso, parece real a intenção de Agamben em dialogar com o que Benjamin denominaria de incapacidade de narração, ou de trauma, ou seja, aquilo que não podemos narrar, contudo, fato é que existe para além desta capacidade constitutiva da linguagem.

O *Musselmann* representaria uma *cesura* com o paradigma da linguagem enquanto constitutivo, ao mesmo tempo em que apresenta uma forma de vida tão banal, tão simples, que é justamente o *resto* do que um dia foi um ser humano. Esta idéia de resto (e a questão do *resto messiânico* em Benjamin não aparecerá por acaso aqui), portanto, de algo que ainda é *deixado* sobreviver e que é capaz de suportar esta própria vida banal apenas em uma suspensão, seria uma categoria constitutiva para pensar a modernidade.¹¹

A narração de *Primo Levi*,¹² um dos mais famosos prisioneiros e sobreviventes dos campos de extermínios é utilizada por Agamben para a construção de uma genealogia dos campos, dado principalmente ao grande impacto causal de sua narrativa, com isso, Agamben vale-se dos textos de Primo Levi, bem como de outros narradores que presenciaram os horrores dos campos de concentração, como essência toma os *Muçulmanos*. *O testemunho disse – Agamben – é uma potência que adquire realidade mediante uma impotência de dizer e uma impossibilidade que cobra existência através da possibilidade de falar* (Agamben, 2000, p. 153). O testemunho supõe-se então, na possibilidade de dizer, ou seja, sem que o dito anule a impossibilidade de dizer. Reyes, valendo-se da circunstância expõe:

Este duplo movimento característico de todo testemunho torna-se, no entanto, inviável em Auschwitz. Nisso o fáctico se apodera do impossível. A morte que é a impossibilidade do possível se converte em necessário, fazendo impossível o jogo da possibilidade e da contingência, quer dizer, do dizer. Essa catástrofe linguística se produz, porque na política se produz, porque na política se produziu uma aliança entre necessidade e possibilidade: decidiu-se fazer necessariamente tudo o que o poder do homem poderá dar de si. A arte de tornar possível o que parece impossível (REYES, 2005, p. 246).

5. DA PALAVRA DA TESTEMUNHA AO SILÊNCIO DO MUÇULMANO

Sobre outro ângulo também vale a exposição sobre outra visão da testemunha, que por sua vez é vinculada aos testemunhos. Nesse sentido a figura do *Muçulmano* é de fundamental importância, uma vez que como objetivo, os nazistas iam aquém do extermínio. Seu objetivo não era apenas o de matar, mas também de expulsar as vítimas da condição humana. Daí a estratégia de *conversão* do humano em *Muçulmano*. Esse procedimento era sem dúvida triunfal, dada a ideia de que os demais prisioneiros poderiam ver com seus próprios olhos que o iminente programa de desumanização chegaria a todos. Ser *Muçulmano* nem sempre era possível, uma vez que o transporte dos *selecionados* muitas vezes era diretamente aos mecanismos de extermínio, assim, nesse caso, não haveria a possibilidade de qualquer *sobrevida* ao ser acolhido no campo. Esse fator designava o *Muçulmano* como uma figura quase desconhecida nos campos de extermínios, que eram dotados de câmara de gás ou eram de forno crematório, senão de ambos.

Claude Lanzmann que é hoje o diretor da revista *Les Temps Modernes* fundada por Sartre e Simone de Beauvoir, a seguir à guerra, apresentou bem essas premissas em seu filme *Shoah*,¹³ onde descreve os horrores sem precedentes cometidos pelos nazistas. Descreve que *as câmaras de gás eram os únicos edifícios de pedra; o resto eram barracas de madeira: não foram feitos para durar* (LANZMANN, 1985, p. 100).

Primo Levi por meio de sua obra tornou as vítimas cúmplice da barbárie dos campos, tentando extrair delas a culpabilidade diante do crime, além de privá-las *para seu desconsolo da consciência de serem-se inocentes, marca, sem dúvida do ponto mais extremo da perversão do nazismo* (REYES, 2005, p. 249). Muitos eram conhecidos por *Sonderkommandos*, denominação dada a grupos de pessoas que atuavam em campos de concentração nazistas a comando destes. Eram recrutados entre os prisioneiros recém-chegados e tinham como função a execução das tarefas mais críticas, tais como enterrar os corpos dos prisioneiros mortos, limpeza das câmaras de gás e outros serviços aos quais os servidores alemães não gostariam de executar. Devido à condição de grupo especial, tinham alguns privilégios. Entretanto, não duravam muito nesta função, vindos a integrarem a lista de pessoas a serem exterminadas após algum tempo de serviço, sendo substituídas por novos integrantes que mais adiante eram mortos e substituídos por novos membros, e assim por diante. Para manter em sigilo as operações de extermínio do conhecimento dos outros prisioneiros do campo de concentração, eram mantidos isolados. Foi notório, que a eles caiu toda a sorte de juízos de condenação, pois devido a alguma *moral*, seria melhor a morte às ordens de carrascos de seu próprio povo. [...] *podemos pensar que não existe barreira moral que os parem. Se levarmos em conta que uma das condições da sobrevivência consistia em não mostrar desgosto pelo trabalho que faziam, difícil será distinguir o que havia de estratégia e o que havia de convicção em sua externa impassibilidade* (ibidem). Continua: *A zona cinza é clima de indiferença moral entre as vítimas e carrascos, o que é tanto como dizer a ruína total da moralidade* (ibidem). A problemática encontra-se decerto, na razão moral sobre lutar pela vida em detrimento da execução e da *cumplicidade* com o carrasco. Contudo, o que pode amenizar ou tornar esse procedimento moral seria o *testemunho*, com a finalidade de descrever para não mais acontecer tamanha e pavorosa crueldade, partindo do seguinte preceito *Em primeiro lugar sobreviver para testemunhar*. Em outra

vertente, muitos, mesmo cientes da morte, escreviam e escondiam seus relatos a fim de que fossem mais tarde descobertos, tornando esse até mesmo o único sentido de viver. *Escrevo com o propósito de que uma ínfima parte desta realidade chegue ao mundo [...]* (GRADOWSKI, 2001, p. 39 *apud* REYES, 2005, p. 250-251).

CONCLUSÃO

Tal como é captado em Benjamin, uma vez constatada uma dimensão poética do arquivo, ela entra em evidência quando o passado e o futuro chancelam um ao outro. Nesse sentido, um testemunho tende a ser entendido como o ponto de encontro entre duas questões, primeiro aquela em que o passado remete ao futuro e a que por sua vez, o futuro remete ao passado. Dessa forma, podemos entender que o testemunho é o que nos torna contemporâneos, dando-nos subsídios para aplicarmos uma consciência moral e humana. Assim, se de um lado não podemos ignorar a importância do testemunho sem comover-nos ou envergonharmo-nos com as crueldades ora narradas pelas vítimas ou enquanto vítimas, por outro, como podemos entender ou aplicar um julgamento moral a elas, uma vez que para sua sobrevivência seria necessário algum privilégio, senão covardia? Ora, mas o impasse criado se restringe exatamente à ideia de que se não houvesse esse testemunho, decerto não poderíamos reconstruir a história de Auschwitz. Essa reconstrução tornar-se-á a principal, senão a única maneira de evitar horrores como esse empregado pelos nazistas. Então, cabe novamente a busca de juízos morais, nesse caso, a testemunha volta ao papel fundamental para esse julgamento. Como diria Giorgio Agamben, lembrança do *não-vivido*, que habita *todo vivido*.

Nesses juízos, não há como imaginarmos que muitos não testificavam para sobreviver, mas buscavam sobreviver para dar o testemunho, não obstante esse testemunho não pode nos garantir exatamente o que ficou para trás nem quais suas pretensões para o presente. A rememoração pode decerto ser uma fonte inesgotável e artifício de combate a erros cometidos no passado, contudo, há de se criar uma reflexão sobre o que disse o autor: *do silêncio nasce a responsabilidade absoluta*. Fato é, que de certa maneira, mesmo que possa nos parecer por vezes paradoxal, ter restituída uma dimensão de possibilidades ou mesmo algum *vestígio* de erros do passado, tornar-nos-emos mais preparados e vacinados contra a sombra de holocaustos e demais horrores – nesse caso, a testemunha pode ser o remédio, e a humanidade, mesmo que envergonhada, a vencedora.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. **Il tempo che resta**, Torino, BollatiBoringhieri, 2000 (em português: **O que resta e Auschwitz**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008).

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**, Brasiliense, São Paulo: Ática, 1984.

_____, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. 1985.

Jose Lino. *A Ideia do Cinema*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1969.

LANZMANN, Claude. **Shoah**, Langer, Holocaust Testimonies, Paris: Fayard, 1985.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

MARCUSE, H. **Eros e civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

REYES, Mate. **Memórias de Auschwitz.** Tradução de SIDEKUM, Antônio. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005.

NOTAS

*Wagner Guedes é aluno regular do programa de doutorado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos em São Leopoldo – RS. Contato: guedes.wagner@uol.com.br

¹Reyes Mate é professor do Instituto de Filosofia do CSIC (Conselho Superior de Pesquisas Científicas) e autor do livro *Justicia de las víctimas. Terrorismo, memoria, reconciliación*. (Barcelona: Anthropos, Editorial Del Hombre, 2008), entre outros. Em português, citamos *Memórias depois de Auschwitz* (São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005).

²Fonte: www.editoranovaharmonia.com.br/livros.php?id_livro=53

³ Para melhor compreender a alegoria em Benjamin, conviria rever, ainda que sumariamente, sua teoria o conhecimento e, sobretudo, da linguagem. No ensaio sobre o drama barroco, Benjamin trata, na primeira parte, da crítica ou teoria do conhecimento — investigação filosófica como busca da representação, ligada a ordem das ideias. As ideias não se situam, para Benjamin, num mundo a parte, conforme propõe o sistema de Platão. Elas tem por recinto próprio a dimensão nomeadora da linguagem, que contrasta com sua dimensão significativa e comunicativa: "A ideia é algo de linguístico, e o elemento simbólico presente na essência da palavra" (1984, p.58-59). Da contraposição de Benjamin (1984, p.188): "Ao passo que no símbolo, com a transfiguração do declínio, o rosto metamorfoseado da natureza se revela fugazmente a luz da salvação, a alegoria mostra ao observador a *fácies hipócritas* da história como proto paisagem petrificada...", depreende-se que a alegoria busca seu sentido no mundo histórico, após separar-se natureza e linguagem, tendo emudecido a natureza e necessitando o homem atribuir-lhe sentido. Então, o sentido alegórico nasce como resultante da relação subjetiva entre signo e coisa, intensificando o princípio da subjetividade subjacente a todo sentido no mundo histórico.

⁴ Intertextualizado de (REYES 1989, p. 134).

⁵ Primo Levi nasceu em Turim em 1919, dentro de uma família judia liberal. Em 1934, ele entrou para o Massimo d'Azeglio *liceo classico*, uma escola secundária especializada no estudo dos livros clássicos. A escola era conhecida por seus professores anti-Fascistas, entre eles Norberto Bobbio e, por alguns meses, Cesare Pavese, que mais tarde se tornaria um dos mais conhecidos romancistas italianos. Muitos biógrafos diziam que Pavese foi o professor de italiano de Levi - e, por isso, uma de suas maiores influências intelectuais. Este mito foi refutado por Thomson, biógrafo definitivo de Levi.

Levi terminou a escola em 1937 e entrou para a Universidade de Turim, onde estudou química. Em 1938, o governo Fascista aprovou uma série de leis raciais que proibiam cidadãos judeus de frequentar escolas públicas. Como resultado destas novas diretrizes, Levi, apesar de seu desempenho, teve dificuldade em encontrar um orientador para sua tese. Mesmo assim, ele conseguiu se formar em 1941, com méritos. Seu diploma, no entanto, foi marcado com a expressão *de raça judia*. As leis raciais também impediram que Levi encontrasse uma ocupação permanente na faculdade, depois de formado.

⁶ O termo "Musulmann" pertence à gíria utilizada nos campos de concentração e não existe uma unanimidade sobre sua origem e sentido. A enciclopédia judaica diz que se usava em Auschwitz e daí passou para outros lugares. Sua origem poderia ser devido a essa forma de "estarem acorados ao solo, com as pernas dobradas ao modo oriental, com a cara rígida como uma máscara" (REYES, 2005 p. 239). O nome deu pano para múltiplas interpretações: como do alemão *Muschel* (concha), ou do ídiche *Mozlmener*, que poderia ser traduzido por "homem infectado pelo sarampo". Sofski resume, no entanto, o sentido mais generalizado ao dizer que "a origem da palavra é desconhecida" (Sofski, 1995, p. 400).

⁷ Para Giorgio Agambem o Muçulmano não aponta apenas tão somente para um paradigma de linguagem, mas também de subjetividade, principalmente dado a sua capacidade de sobrevivência a si-mesmo, suportando conter a própria banalidade em si-mesmo, é o constitutivo do sujeito. Sujeito como sujeito-à-

própria-subjetividade é talvez a melhor forma como interpretar a leitura de Agamben sobre Levinas, neste sentido. Agamben não aceita a superação da Ontologia Fundamental de Heidegger justamente por não aceitar a superação do paradigma da Subjetividade, mas entende a evasão de Levinas como uma forma de mediar esta subjetividade diante de uma fragilidade. Agamben aproxima Levinas de Adorno, e da Vida Danificada – ao mesmo tempo que tenta achar lugar para uma ética em Heidegger.⁷ Resenha: Remnants of Auschwitz - Publicado por Fabricio Pontin em agosto 9, 2007; extraído do site: <http://fabriciopontin.wordpress.com/2007/08/09/resenha-remnants-of-auschwitz/>

⁸ PELBART, Peter Pál. Vida e morte em contexto de dominação biopolítica. Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo – USP - Conferência proferida no dia 3 de outubro de 2008 no Ciclo "O Fundamentalismo Contemporâneo em Questão", organizado pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP. PELBART é professor Titular do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), disponível no site: <http://www.iea.usp.br/iea/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>

⁹ Resenha: Remnants of Auschwitz - Publicado por Fabricio Pontin em agosto 9, 2007; extraído do site: <http://fabriciopontin.wordpress.com/2007/08/09/resenha-remnants-of-auschwitz/>

¹⁰ Para Agamben a relação política originária é demarcada pelo estado de exceção, no qual predomina, sem intermediações, o poder do soberano sobre a vida nua, despida de qualificativos jurídicos e institucionais. Quem está nesta zona está fora da lei, foi abandonado pela lei, não encontra identificação possível dentro das estruturas tradicionais do Estado Nação. Os casos mais emblemáticos de aparição dessa "vida nua" são os apátridas, os refugiados e os internos dos campos de concentração. Contudo, sua aparição se dissemina visivelmente para outros espaços, nos quais os direitos e os atributos de nacionalidade e cidadania já não valem nada e são impotentes para evitar a completa descartabilidade das pessoas que estão nesses lugares, como é o caso das periferias subdesenvolvidas e das penitenciárias brasileiras. Ver: AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

¹¹ Resenha: Remnants of Auschwitz - Publicado por Fabricio Pontin em agosto 9, 2007; extraído do site: <http://fabriciopontin.wordpress.com/2007/08/09/resenha-remnants-of-auschwitz/>

¹² Primo Levi nasceu em Turim em 1919, dentro de uma família judia liberal. Em 1934, ele entrou para o Massimo d'Azeglio *liceo classico*, uma escola secundária especializada no estudo dos livros clássicos. A escola era conhecida por seus professores anti-Fascistas, entre eles Norberto Bobbio e, por alguns meses, Cesare Pavese, que mais tarde se tornaria um dos mais conhecidos romancistas italianos. Muitos biógrafos diziam que Pavese foi o professor de italiano de Levi - e, por isso, uma de suas maiores influências intelectuais. Este mito foi refutado por Thomson, biógrafo definitivo de Levi. Levi terminou a escola em 1937 e entrou para a Universidade de Turim, onde estudou química. Em 1938, o governo Fascista aprovou uma série de leis raciais que proibiam cidadãos judeus de frequentar escolas públicas. Como resultado destas novas diretrizes, Levi, apesar de seu desempenho, teve dificuldade em encontrar um orientador para sua tese. Mesmo assim, ele conseguiu se formar em 1941, com méritos. Seu diploma, no entanto, foi marcado com a expressão *de raça judia*. As leis raciais também impediram que Levi encontrasse uma ocupação permanente na faculdade, depois de formado.

¹³ *Shoah* (delhebreo שואה, "catástrofe") es documental francés Del realizador francés Claude Lanzmann, estrenado en 1985, y de aproximadamente nueve horas de duración. Los subtítulos y testimonios filmados se publican en un libro homónimo, traducido al castellano en 2003. El filme de Claude Lanzmann es un documental de historia oral, filmado a lo largo de cerca de diez años en diferentes continentes. Reúne testimonios, en primera persona, de víctimas, testigos y verdugos del exterminio de las comunidades judías durante La Segunda Guerra Mundial. Cada uno de los invitados a participar en el documental narra su personal vivencia de los sucesos relacionados con el Holocausto. El formato de las intervenciones fue concebido por Lanzmann como una entrevista. El director interviene para evocar los recuerdos de cada invitado, en ocasiones preguntando por detalles técnicos (por ejemplo, sobre el número de vagones de cierto tren, o la capacidad de cierto horno crematorio), o por emociones y sentimientos, e incluso sobre detalles relativamente anodinos, pareciendo tener su papel una mera función fática (como, por ejemplo, cuando pregunta si había árboles en el gueto de Varsovia). Sin embargo, no es difícil interpretarlo como una falsa entrevista, en la que el director solamente pregunta u observa cuando el entrevistado no puede, o no quiere, seguir hablando. Es frecuente que los testigos se detengan a causa de un desmoronamiento psicológico. En esas ocasiones, Lanzmann insiste en el deber del invitado de seguir hablando.